

COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA
REQUERIMENTO Nº , DE DE OUTUBRO DE 2012
(Do Sr. PENNA)

*Requer a realização de Audiência
Pública para discutir a importância de
Luiz Gonzaga do Nascimento para a
cultura brasileira.*

Senhor Presidente,

Requeremos a Vossa Excelência, nos termos do art. 255 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, a realização de Audiência Pública para discutir a importância do músico e compositor pernambucano, Luiz Gonzaga do Nascimento, para a arte e a cultura brasileira.

Para tanto, sugerimos que sejam convidadas as seguintes pessoas:

- Sr. Breno Silveira, cineasta, diretor do filme “Gonzaga - de pai para filho”;
- Sr. Chaminho do Acordeon, músico que interpreta Luiz Gonzaga no filme “Gonzaga - de pai para filho”;
- Sr. Sinval Sá, ex-procurador no DF, autor do primeiro livro sobre Luiz Gonzaga;
- Gildson Oliveira, jornalista pernambucano, autor de “Luiz Gonzaga o matuto que conquistou o mundo”;
- Sr. Zuza Homem de Mello, crítico, pesquisador, estudioso da música;
- Sr. Raimundo Fagner, cantor e compositor cearense.

JUSTIFICATIVA

Este ano o país comemora o centenário de nascimento de Luiz Gonzaga do Nascimento, o “rei do baião”. “Gonzagão”, como também era conhecido, colocou o Nordeste na música brasileira. Sua obra fala das dores, amores, sortilégios, buscas, tristezas, alegrias do povo nordestino. Ele foi o cronista de um tempo e de um lugar, o sertão, a caatinga; e de uma forma tão

grande que transcende a tudo. Com Luiz Gonzaga se entende o mineiro Guimarães Rosa: “o sertão é em todo lugar; o sertão é dentro de mim”. E isso cabe para todo ser humano.

Luiz Gonzaga nasceu em Exu, caatinga pernambucana, divisa com o Ceará, no dia 13 de dezembro de 1912. Filho de Dona Santana e de Januário, sanfoneiro, cedo começou a tocar a sanfoninha de oito baixos do pai. Quando tinha 17 anos apaixonou-se por uma menina do lugar, mas o pai da moça não gostava dele. Diz a história que Gonzaga chamou o homem para briga. Januário e Santana não gostaram daquele “valente” e lhe deram uma pisa (surra). Chateado Luiz Gonzaga fugiu de casa. Mentiou na idade e foi servir no Exército. Deu baixa, e, no Rio de Janeiro, assumiu a carreira de músico.

Luiz Gonzaga começou sua carreira profissional, nos idos de 1930, no Rio de Janeiro, tocando a música da moda - polca, modinha, mazurca, valsa, tango – nos cabarés da cidade. Provocado por um grupo de estudantes cearenses, ele tocou na sanfona algo da “sua terrinha”, um baião, o “vira-mexe”. E não parou mais. Gonzaga inventou, ou “reinventou” o baião, mas também fez isso com outros gêneros do sertão, como a rancheira, o xaxado, arrasta-pé, aboio, xote, entre outros. Sim, porque a riqueza da música de Gonzagão, homem do sertão, catingueiro, não incluiu os ritmos do litoral, como frevo, maracatu, ciranda, cabocolinho. O sertão nordestino sempre foi a sua grande fonte de inspiração até o final da vida. Foram centenas de músicas, centenas de sucessos em todo país – estávamos na Era de ouro do rádio, quando o veículo estava à frente na difusão da cultura nacional, o rádio tocava muito Gonzaga. Nesse tempo não havia o jabá (o pagamento que as gravadoras fazem às emissoras para que toquem determinada música, como é comum hoje) - o povo gostava de Gonzagão gratuitamente; em todo Brasil e não somente no Nordeste.

Luiz Gonzaga já não estava só. Ele abriu as portas para um imenso grupo de músicos, cantores e cantadores da região. Desse grupo fez parte craques como Jackson do Pandeiro, Marinês, João do Vale, Trio Nordestino, entre outros.

O sucesso de Luiz Gonzaga foi abalado no final dos anos 1950 com o surgimento da bossa-nova e da música de fossa. Nos anos 1960 aparece o rock, os Beatles, e, aqui no Brasil, a Jovem Guarda, a Turma do Iê-iê-iê. Resultado: a música de Gonzaga é considerada “velha” e Gonzagão some da mídia.

Nos idos de 1970 – quando a ditadura mostrava sua face mais cruel - Gonzagão anuncia sua aposentadoria. Mas o que parecia “seu fim” não acontece. A música se renova mais uma vez; surge um novo grupo de artistas. E todos – embora não façam “música regional” - tomam como base Luiz

Gonzaga. É o caso do Quinteto Violado, Geraldo Azevedo, Zé Ramalho, Alceu Valença, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Tomzé,... Caetano, exilado em Londres por causa da ditadura, grava uma chorosa versão para “Asa branca”. Em resposta, Gonzagão enfrenta a ditadura, gravando a música de protesto da época, a mais odiada pelos militares, “Pra não dizer que não falei de flores”, de Geraldo Vandré - a “nossa Marselhesa”, como dizia Millôr Fernandes.

Luiz Gonzaga morreu em 1989, no Recife. Seu filho, Gonzaguinha (adotivo para alguns estudiosos), faleceu num acidente de automóvel dois anos depois. A relação entre os dois sempre foi muito complicada. Gonzagão nasceu no sertão nordestino; Gonzaguinha no morro de São Carlos, Rio de Janeiro. Gonzagão estava ideologicamente à direita; Gonzaguinha se tornou um ícone da esquerda, com músicas censuradas pela ditadura. Os dois só fizeram as pazes pouco anos antes da morte lhes visitar. O filme recente de Breno Silveira, “Gonzagão – de pai para filho”, resgata a história e o sentimento dessa história.

Este ano, quando se comemora os cem anos do seu nascimento, é importante avaliar qual a sua contribuição para a música brasileira e para nossa cultura. O que significa esta música telúrica e cactácea de Luiz Gonzaga para a arte e para os modos do brasileiro? O que significou sua música para construção de outros movimentos musicais como a tropicália e o mangubeat? O que Luiz Gonzaga representa para a nossa identidade?

O objetivo da audiência proposta é avaliar elementos como estes. É nada mais adequado do que fazer o debate nesta Comissão, com a presença de músicos, pesquisadores de música e do diretor que fez o filme.

Em face do exposto, solicitamos aos nobres pares que apoiem a realização desta audiência.

Sala das Comissões, de outubro de 2012.

DEP. PENNA

PV-SP